Renda líquida no campo

Estimativa da renda mensal de uma área familiar de 20ha (R$)

Opções	Produtividade (t/ha)[1]	Preço (R$/t)[2]	Custo (R$/t)[3]	Renda líquida		
				Anual	Família/mês	Trab./mês[4]
Milho	3,1	128	93	2.178	181	73
Soja	2,5	245	189	2.749	229	92
Arroz	1,8	292	230	2.232	186	74
Feijão	1,0	700	560	2.801	233	93
Leite	1,8	268	216	1.891	158	63

Fontes: Conab, IEA, FNP e estimativa dos autores (leite).

[1] Produtividade média do estado de São Paulo (safra 1996/97).

[2] Preços médios das safras 1996 e 97, exceto para a soja (safras 1994 a 97).

[3] Custos para plantio convencional em São Paulo, excluindo gastos com mão-de-obra.

[4] Em R$ por trabalhador, considerando 2,5 trabalhadores por família.

renda líquida (ver tabela), baixa tecnificação e elevada diversificação. Já a agricultura familiar dos países ricos emprega muito mais tecnologia e é mais especializada, em grande parte graças a dezenas de bilhões de dólares transferidos anualmente pelos consumidores e contribuintes.

Na verdade, situações específicas privilegiam modelos específicos. De uma forma geral, pode-se dizer que quanto maiores os custos fixos, a possibilidade de ganhos de escala e a necessidade de especialização dos trabalhadores, maior a competitividade dos modelos empresariais de maior escala à base de mão-de-obra contratada. Por outro lado, a agricultura familiar freqüentemente se mostra mais competitiva no caso de culturas menos suscetíveis a economias de escala – como a produção de laranja ou cana-de-açúcar para a indústria – e/ou dirigidas a nichos específicos e diferenciados de mercado – horticultura familiar dos cinturões verdes das grandes cidades.

Políticos, imprensa e acadêmicos tendem cada vez mais a polarizar as discussões em termos maniqueístas, como se houvesse um lado sempre bom e um sempre mau em todas as questões, entre as quais se encontra a do trabalho rural.

O aumento do emprego rural e agroindustrial pouco tem a ver com a inútil discussão sobre familiar *versus* patronal, e sim com a questão do aumento da renda e da competitividade da agricultura. E, para promover a competitividade, ninguém precisa se preocupar com a seleção deste ou daquele modelo, pois essa é uma das tarefas do próprio mercado. Precisa, isso sim, além de deixar o mercado funcionar, atuar em prol da redução das barreiras ao espírito empreendedor e lutar pela eliminação do conjunto de ineficiências conhecido como custo Brasil. É com isso que os políticos e os acadêmicos deveriam estar se preocupando e é isso que deveria estar na pauta da imprensa. Políticas públicas eficazes geram muito mais e melhores empregos do que a estéril teorização ideológica em torno de questões subjacentes.

Marcos Sawaya Jank é professor doutor da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da Universidade de São Paulo (Esalq-USP), e pesquisador sênior do Programa de Agribusiness da USP (Pensa). E-mail: msjank@usp.br

Fernando Sawaya Jank é administrador de empresas e produtor de leite em regime empresarial-familiar. E-mail: agrindus@linkway.com.br

Extra!

GESTÃO E FUTURO

Desafios do próximo milênio

Marcelo Prado

A agricultura do século XXI exigirá um empresário rural bastante evoluído, apto a deixar de lado velhos costumes.

Durante os próximos 20 anos as mudanças na agricultura serão cada vez mais intensas. Quando um produtor de grãos tiver que tomar a decisão sobre o que plantar, soja ou milho, por exemplo, terá que decidir também a que mercado será destinado o produto. A biotecnologia está segmentando as *commodities*. O milho terá um grão específico para aves, outro para suínos, outro para bovinos, produção de alimentos, óleo, fibras, glucose, amido etc. Já a soja terá diferentes níveis de proteína e óleo, com menos teor de ácido linolênico.

O empresário rural precisará ser mais empreendedor, conhecer o mercado global e buscar as melhores oportunidades comerciais. Os produtos alimentícios, obtidos através de grãos modificados geneticamente, terão selos de identificação para orientar o consumidor.

O gerenciamento será feito através da base de dados fornecidos pelo sistema de agricultura de precisão que permitem ao produtor rural controlar através de um computador todas as operações agrícolas. Esse processo ainda gera informações relevantes para a tomada de decisão quanto à utilização de maior ou menor quantidade de insumos, sempre com o objetivo de minimizar o custo de produção e maximizar a produtividade.

A agricultura do século XXI exigirá um perfil de empresário rural bastante evoluído, apto a deixar de lado velhos costumes e buscar novos conhecimentos. A terceirização de operações agrícolas como pulverização, plantio, colheita será crescente, permitindo redução de custos e dando ao agricultor mais tempo disponível para centrar seus esforços em decisões estratégicas e assim melhorar a performance do negócio.

O nível de profissionalização será cada vez mais intenso, gerando a necessidade de treinamentos contínuos nos quais a exigência de profissionais especializados provocará migração urbana para o campo e mudança de profissionais não especializados para as cidades.

A agricultura orgânica

Simultaneamente a tanta tecnologia e evolução, está crescendo no mundo o consumo de produtos obtidos através da agricultura orgânica, que consiste na produção de vegetais sem nenhum produto químico, seja fertilizante ou defensivo. Esse mercado representa hoje no mundo cerca de US$5 bilhões, e até o ano 2005 ele crescerá 20 vezes, atingindo a cifra de US$100 bilhões, segundo dados apresentados no Congresso Mundial da International Food and Agribusiness Management Association de 1998 no Uruguai.

A agricultura do século XXI exigirá um perfil de empresário rural bastante evoluído, apto a deixar de lado velhos costumes e buscar novos conhecimentos. A terceirização de operações agrícolas será crescente, reduzindo custos e deixando tempo para melhorar a performance.

Nos países desenvolvidos principalmente, há um número crescente de consumidores que buscam produtos totalmente naturais e ainda estão dispostos a pagar por eles, mesmo que tenham pior aparência e preço significativamente mais alto.

No Japão, a soja obtida através dessa tecnologia chega a valer cerca de três vezes mais que a soja tradicional, em torno de US$30 a saca de 60kg, com uma produtividade que varia de 40% a 60% da tecnologia tradicional.

Para que o mercado reconheça o produto como orgânico, a área tem de ser cultivada por três anos sucessivos sem produtos químicos.

Esse comportamento da parte de consumidores se contrapõe à alta evolução tecnológica que dia a dia oferece ao mercado produtos de custo menor e qualidade superior. Isso indica a grande heterogeneidade de comportamento dos consumidores, sinalizando que há espaço para diferentes produtos e tecnologias.

Outra tendência é a procura por produtos de conveniência, onde o consumidor quer produtos práticos, naturais e que possam ser consumidos imediatamente.

Marcelo Prado é vice-presidente do setor agroalimentar do Grupo Algar.

Extra!

FERTILIZANTES

Tropeçando nos preços

Adriano Vendeth de Carvalho e Pedro Ferreira Arantes

Redução do uso de fertilizantes ameaça índices técnicos de importantes culturas em Goiás.

Goiás é o quarto maior produtor de grãos do país e consome algo em torno de 7% do total de fertilizantes consumidos no Brasil. Paralelo à pecuária de corte e leite, as culturas do arroz de sequeiro, feijão, algodão, milho e soja são as atividades agrícolas mais importantes do estado, com destaque para as duas últimas, cujas produções praticamente dobraram no decorrer dos últimos oito anos.

A análise da variação de preço dos fertilizantes de arroz de sequeiro, feijão, algodão, milho e soja é de vital importância, tanto para o próprio setor de produção desses insumos como, é claro, para o setor de consumo, no caso o produtor rural. Para o setor de produção porque as cinco culturas respondem por mais da metade do fertilizante total do país. O milho e a soja utilizam 43% de todo o fertilizante consumido no Brasil. Qualquer déficit nesse consumo incorre em sérios danos a uma importante área do agronegócio brasileiro. Quanto ao produtor porque o custo da adubação nas lavouras ainda se mostra elevado quando comparado à renda bruta no setor rural.

A partir de julho de 1994 (implantação do Plano Real) até o final de 1996 os preços dos fertilizantes analisados tiveram aumento linear em torno de 30%, época em que o custo da adubação chegou a participar de 13,3% (no caso do algodão) a até 34,7% (no caso do milho) da renda bruta por hectare do produtor em Goiás. Curiosamente, desde então os preços dos fertilizantes na região Centro-Sul do país, também de forma linear, decresceram 24% até julho de 1998, reduzindo consideravelmente seu custo na renda bruta do produtor, com exceção da soja e do algodão, que neste ano tiveram preços inferiores à média histórica.

Índices percentuais médios de variação

Jul. 1994-jul.1998

	Arroz de sequeiro	*Feijão-carioquinha*	*Milho*	*Soja*	*Algodão*
Preço ao produtor	0,22	0,01	-0,06	0,13	-0,01
Preço do fertilizante	0,19	0,15	0,20	0,16	0,18